

R. A. Stival

O Vestido Cor de Pêssego

Muitas batalhas são vencidas nos campos do coração



Agradecimentos

Agradeço a todos que me apoiaram na realização deste projecto e que tão abnegadamente me disponibilizaram os seus talentos pessoais e profissionais, amizade, atenção, conselhos e carinho: Daniel Inácio, Sonia de Siqueira, Matheus Ciscoo, Nilza Henrique, Dália David, Susana Basso, Tania A. Martinelli, Virgínia Silva Tavares e a Ana Maria Pereirinha, pela oportunidade inestimável que me proporcionou de dar a conhecer este *menino*.

Bem-haja a todos.

Aos meus pais, que ao me ensinarem a beleza das histórias e dos heróis me deram asas para conhecer o mundo, e a minha irmã, que as sonhou comigo.

Nota da autora

Esta narrativa tem início com a Batalha de Valmy, que ocorreu durante as Guerras da Revolução Francesa, a 20 de Setembro de 1792. Foi travada no início das Guerras da Primeira Coligação. As forças invasoras eram formadas por tropas prussianas, austríacas, mercenários alemães e *émigrés* (aristocratas fugidos do Terror instalado na França – período em que radicais jacobinos perseguiram os nobres e aristocratas, condenando-os à morte, como ocorreu com o rei Luís XVI e Maria Antonieta).

O Exército da Primeira Coligação estava sob o comando de Karl Wilhelm Ferdinand, duque de Brunswick, com cerca de 82 000 homens. Do lado dos franceses, o Exército do Centro contava com um efectivo de 52 000 homens, sob o comando do general François Christophe de Kellermann. Nesta batalha, enfrentaram-se as tropas francesas, com um exército que espelhava a Revolução, e as prussianas, com o seu exército convencional, criado por monarquias absolutistas. Esta batalha não chegou a consumir-se na totalidade, mas foi a primeira vitória militar da Revolução Francesa, pois o exército prussiano retirou-se. Não sendo um feito militarmente relevante, reveste-se de enorme importância histórica.

Entretanto, é de notar que o nevoeiro referido pela personagem Boissinot realmente aconteceu e acaba por ser um factor de grande valia para a estratégia militar francesa, que sai vencedora do confronto.

Depois deste prólogo, a narrativa tem como cenário os anos do Primeiro Império de Napoleão Bonaparte e o seu projecto de estender as fronteiras francesas e unificar a Europa sob o domínio da sua coroa.

O período retratado reporta-se à Campanha da Rússia, empreendida por Napoleão Bonaparte entre Junho e Dezembro de 1812, com a finalidade de forçar o czar Alexandre a retomar posição favorável ao bloqueio continental imposto pelo imperador francês, tendo em vista a proibição do comércio e circulação de mercadorias inglesas no continente europeu.

A campanha da Rússia resulta num fracasso sem precedentes, quando o grande exército francês, com seus 600 mil homens, à medida que avançava pelo território russo, se deparava com a tática da «terra queimada», praticada pela população e pelos militares, além de sofrer com táticas de guerrilha promovidas pelos impiedosos cossacos e, por último, com o terrível Inverno russo – o «general Inverno» – com temperaturas absurdamente negativas.

Tudo isso mais a fome, o frio insuportável, as condições inumanas a que os homens foram submetidos, deixando-os doentes e exauridos do corpo e da mente, resultaram em perdas espantosamente altas, o que reduziu o grande exército francês a pouco mais de 37 mil homens.

Napoleão jamais recuperaria a estrondosa perda de homens e animais para recompor a sua *Grande Armée*.

Depois, a narrativa refere-se às implicações políticas sofridas por Napoleão e infligidas pelos países aliados: Inglaterra, Prússia, Rússia, Áustria, Espanha, Portugal e outros países europeus. As acções são então defensivas, para manter o território conquistado sob a bandeira francesa. Passa-se isto durante os anos de 1813 até Março de 1814, quando Paris sitiada se rende às forças da Sexta Coligação e Napoleão é obrigado a abdicar e deixar-se exilar na ilha de Elba.

Algumas personagens que surgem na narrativa, sejam apenas citadas, ou com participações efectivas, são reais, como por exemplo, apenas para citar alguns, os marechais franceses Ney, Victor, Soult, Marmont, Murat, Mortier, o príncipe José Bonaparte, irmão mais velho de Napoleão, o próprio Napoleão Bonaparte, o general russo Kutuzov, o czar Alexandre, o general inglês Arthur Wellesley, o duque de Wellington. As falas, gestos e atitudes que lhes são atribuídos na narrativa foram livremente criados

pela autora, que foi cuidadosa em nunca provocar, ou sugerir, algo que pudesse denegrir a imagem, ou retirar a dignidade de tão ilustres figuras.

Também são reais os nomes dos tratados, as datas e os lugares onde ocorreram confrontos e batalhas, descritos durante a narrativa.

A autora também chama a atenção de que, em vários momentos, as informações relativas às ordens e tradições militares, bem como as relativas aos factos históricos e que foram colhidas em livros de História e romances históricos, em documentos disponibilizados na Internet, em fóruns de debates, filmes, revistas militares, entre outras fontes, foram usadas com o intuito de favorecer e criar verosimilhança narrativa – um pano de fundo para o desenrolar das acções fictícias. Embora tenha havido a preocupação de se manter a fidelidade aos factos históricos ocorridos e sua cronologia, os mesmos foram usados tendo em vista produzir o efeito narrativo desejado.

O Vestido Cor de Pêssego é um romance de entretenimento; mas não declina a oportunidade de, ao lado de batalhas e aventuras, mostrar a força do amor, da amizade, da honra e da superação do espírito humano ante as adversidades impostas pela vida e pelos homens.

Prólogo

Valmy, França (Região de Champagne-Ardennes) – Setembro de 1792

Um cavalo branco surgiu em disparada a cruzar as colinas ondulantes. Galopava num frenesi em direcção aos vinhedos infinitos e simétricos, que tocavam o horizonte. Ora surgia, para logo desaparecer, absorvido pelas ondulações suaves das encostas matizadas com os primeiros tons de dourado e castanho que anunciavam o Outono.

Era a única coisa que se movia na tarde imóvel, onde sequer uma brisa leve balançava as folhas das vinhas e a erva do chão, depois dos dias de chuva que grassara na região e deixara o solo encharcado e lamacento. Galopava em veloz carreira em direcção ao bosque, que escondia um dos vários desfiladeiros e proporcionava refúgio.

O segundo tenente hussardo¹, da cavalaria francesa, seguia-o com a sua luneta, do alto da suave elevação em que estava a postos, com o pequeno pelotão composto por um cabo e três praças, homens mais velhos do que ele, experimentados e visivelmente descontentes e rabugentos por terem um rapazola imberbe a dar-lhes ordens.

O jovem oficial estremeceu quando viu a figura que galopava o animal: ou era um homem muito pequeno, ou era uma criança que fugia, em desabalada carreira, com um dragão² prussiano encarniçado atrás de si, a empunhar um sabre e a perseguir-lo, seguido por outros cinco.

¹ Hussardo – soldado de cavalaria ligeira.

² Dragão – soldado da cavalaria que também combate a pé.

Num átimo, os franceses desceram a colina. O tenente gritou para que o cabo e os praças flanqueassem os que vinham atrás, em perseguição. Embora estivessem em menor número, o jovem oficial confiava na experiência dos seus homens, que se lançaram sobre o inimigo como um bando de lobos vorazes. Então ele incitou o animal para alcançar o primeiro perseguidor, antes que este atingisse a sua vítima.

Não era um sabre que o dragão empunhava, mas um mosquete de cano mais curto que, apoiado no flanco, permitiu uma pontaria certa no ponto mais vital do cavalo que fugia à sua frente: disparou uma bala impossível e caprichosa, que atingiu por trás o joelho do animal, em plena corrida.

O jovem tenente, em perseguição ao dragão prussiano, arregalou os olhos diante da cena inacreditável – nunca antes tinha visto alguém com uma pontaria tão diabólica.

– *Flute!*¹ – exclamou com despeito.

Foi tudo muito rápido: o cavalo, em plena corrida, desequilibrou-se e caiu espectacularmente, projectando o pequeno cavaleiro desamparado vários metros à frente.

E o francês nem ouviu o estampido seco que ecoou pelo vale silencioso, mas sentiu um calor inesperado, seguido de um forte ardor no ombro direito. Quando olhou para trás pôde ver que era perseguido por outro dragão prussiano, que acabara de o atingir no ombro. Não precisava de olhar para saber que uma mancha quente e pegajosa de sangue começava a empapar a manga direita do seu dólman.

Estacou e virou-se para o prussiano que o atingira, fazendo um rodopio com a montada. A toda a velocidade, o homem voltara a encaixar o mosquete na lateral da sela. Agora empunhava um longo sabre e rumava enfurecido, a apontá-lo directamente ao oficial francês. Atrás desse dragão, que avançava para ele, o oficial adivinhava os seus homens a pelejarem com os outros quatro prussianos.

O cavalo do hussardo pateava, entre surpreso e enfurecido pela carreira suspensa. Ele olhou rapidamente para trás e vislumbrou o primeiro dragão a desmontar e a encaminhar-se na direcção do cavalo que

¹ *Flute!* – Caramba!

perseguira e agora estrebuchava, sem conseguir levantar-se, e do cavaleiro desmaiado.

O seu ombro direito latejava...

Num átimo.

O hussardo sabia que tudo iria consumir-se em poucos segundos.

Tinha apenas uma bala e uma hipótese de fazer tudo de forma certa e rápida, pois não teria tempo de recarregar.

Semicerrou os olhos cinzentos, atingidos em cheio pelo sol.

Atrás de si, ouvia o cavalo caído a relinchar desesperado, até ser silenciado por um tiro seco que lhe reverberou pelas entranhas e fez com que, instintivamente, apertasse mais as pernas em torno do seu ginete.

À sua frente, o outro prussiano avançava como um tresloucado, a gritar e a empunhar o sabre, que luzia na claridade dourada da tarde.

Segurou as rédeas com a mão direita, cerrando os dentes com força por causa da dor.

Dominou o cavalo e sacou da pistola com a mão esquerda.

Desengatilhou-a e fez pontaria ao dragão que se aproximava enfurecido, de sabre em riste.

Girou rapidamente a cabeça por sobre o ombro e, num piscar de olhos, adivinhou que o primeiro prussiano retirava as bolsas presas à sela do animal morto.

Encheu os pulmões de ar.

Susteve a respiração.

Só tinha uma bala.

Sem tempo para recarregar.

Tudo iria consumir-se em segundos.

Num átimo.

Fixou a pontaria.

O prussiano aproximava-se veloz.

Voraz.

Podia ouvir-lhe melhor o grito de guerra que beirava a demência.

Ele só tinha uma bala e...

– *Une chance...* – murmurou para si, entre os dentes cerrados.

Soltou a respiração.

Disparou no último momento, com o prussiano a menos de dois metros de si.

O tiro atingiu-o entre os olhos.

O homem caiu pesadamente ao chão, ainda a segurar o sabre, e o seu cavalo saiu em disparada, em direcção ao vinhedo.

Rapidamente, o francês fez virar o seu ginete e esporeou-o. Empunhava a custo o sabre, dessa vez com a mão direita. Num instante, passou pelas bolsas de couro gasto retiradas do dorso do cavalo e abandonadas; alcançou o prussiano que tocava no pequeno corpo, caído e inconsciente, com o bico da bota.

O gigante de bigodes ruivos moveu-se de forma inesperada e amparou o golpe que o francês desferiu com o sabre. Rodando sobre si mesmo, o dragão fez alavanca com o braço e conseguiu derrubar o oficial husardo da sua montada.

Desorientado e humilhado por causa da queda, o tenente mal teve tempo de defender-se, quando o outro lhe bateu propositadamente com a ponta do sabre no ombro ferido.

Gritou de dor.

O outro riu, ao mesmo tempo que desferia um golpe implacável sobre o husardo indefeso, que o bloqueou sem lhe dar espaço para se levantar.

A lâmina do sabre do prussiano riscou outra vez o ar e o tenente francês sentiu que ela lhe lambia a pele da fronte. Naquele frenesi, o jovem percebeu que, caído ao chão e desorientado como estava, dava ao desgraçado do prussiano oportunidade de matá-lo num único golpe rápido e certo. Mas de certeza que o homem queria açoitá-lo como um animal ferido e vê-lo sofrer um pouco às suas mãos, para ter maior gozo.

Assim que teve brevíssimos segundos, o tenente rolou o corpo numa fuga e pôs-se de pé, no mesmo instante em que a sua vista esquerda começava a ficar toldada por uma mancha vermelha.

O prussiano riu, antegozando a satisfação de liquidar um casaca azul de pele fina e aparência bem cuidada.

– És um aristocrata, meu franguinho? – perguntou, num francês arrastado e mal pronunciado. Gargalhou e desferiu o golpe que foi amparado pelo jovem oficial. – Quero liquidar a tua raça – grunhiu o dragão, enquanto estudava o jovem à sua frente. – Assim não terás oportunidade

de espalhar essa tua maldita semente entre as pernas de mulher nenhuma, porco francês! – rosnou, e desferiu outro golpe que o hussardo bloqueou ainda, já sentindo as forças começarem a esvair-se quando, num movimento inesperado, o prussiano lhe tirou o sabre da mão.

Quando o dragão avançou para ele e levantou de novo o sabre num golpe de misericórdia, o francês viu-o estacar repentinamente e gritar de dor. O gigante ruivo girou o corpo e deparou com uma adaga cravada na sua coxa direita.

– Maldito! – gritou, em direcção ao pequeno cavaleiro que, desperto, agia em defesa do hussardo francês.

Não passava de um menino franzino e de olhos aterrorizados, com um grosso gorro de lã castanha enfiado na cabeça, até às orelhas.

Em desespero, o prussiano arrancou a adaga fina e comprida de entre as carnes da perna, enquanto via o próprio sangue espalhar-se sobre o tecido das calças. Com a mão livre, desferiu uma bofetada no rosto do menino. A violência do golpe foi tanta que arrancou o gorro da cabeça da criança, fazendo com que um longo e negro cabelo de repente se abrisse em leque, surpreendendo os dois homens.

– Agora, corto-te a garganta, coisinha do inferno... – rosnou o prussiano, virando-se em direcção à criança caída, esquecido do hussardo.

Mas não deu mais que dois passos. Caiu sobre os próprios joelhos e emborcou pesadamente no chão, quase caindo sobre a menina.

Havia um olhar selvagem naqueles olhos de uma cor cinzenta que ela nunca tinha visto em ninguém. Estava vestido com uma casaca azul, toda debruada a dourado. Respirava pesadamente, enquanto ainda segurava, na mão esquerda, o sabre que usara contra o homem de bigodes vermelhos. O sangue empapava-lhe a manga direita da casaca.

Alguma coisa dentro dela lhe dizia que o homem jovem, de cabelos castanhos e olhos cinzentos, usava uma roupa familiar... Mas o terror que sentia era tanto que não teve outra reacção senão levantar-se de um salto e começar a correr.

Precisava de fugir para o mais longe possível daquela cena, daqueles homens, do medo e do sangue, daquele horror que o seu pai não previra

quando a vestiu com roupas de seu irmão Hubert e fez com que ela cavalgasse veloz sobre o dorso de *Violette*, cruzando o vale em direcção ao bosque, para se ocultar a si e aos valores que trazia nas pesadas sacolas que, afinal, deixara para trás, na posse daqueles homens.

Agora ela corria para salvar algo que sabia ter mais valor que as moedas e a prata da família que carregara: a sua própria vida.

– *Maudite merde!* – rosnou o oficial, quando viu a reacção da menina.

Com o sabre ainda em punho, obrigou-se a correr atrás dela.

Ela era pequena e veloz, mas ele tinha as pernas mais compridas. Sentiu algo romper-se nas suas carnes quando esticou o braço direito para a agarrar. Não conseguiu evitar um grito de dor.

– *Sacrebleu, ma petite!*

Ela debatia-se selvaticamente e ele tinha agora as duas mãos a segurá-la pelos ombros frágeis.

– *Acalma-te!* – pediu, enquanto se punha ao mesmo nível que a criança e a amparava. – Ela debatia-se, mas foi-se acalmando, quando sentiu que ele lhe colocava a mão nas costas e a abraçava, trazendo-a para perto de si, num gesto protector. – *Shhh... calma, ma petite, calma... Está tudo bem.*

Ela olhava, entre assustada e surpreendida para o jovem à sua frente, apenas alguns anos mais velho que o seu irmão Antoine. Então lembrou-se da casaca azul, com enfeites dourados que ele usava.

Acalmou-se.

Se era casaca azul, era francês, como ela.

Assim lhe tinha ensinado o pai.

Sentindo-a relaxar, o tenente afastou-se para a observar melhor e sentiu o peito arder de revolta quando viu a marca que crescia avermelhada no lindo rosto infantil. Teve ímpetos de se levantar e ir chutar a cara do prussiano, mesmo que já estivesse morto. «*Fils de putain!*»

– *Estás ferida? Estás bem?* – perguntou, entre aflito e surpreendido, enquanto os seus olhos cinzentos e calorosos continuavam a investigar a figura franzina à sua frente.

Quantos anos teria? Sete? Oito?

Ela assentiu mudamente. Estava bem, mas tremia muito, ainda, e cerrava os lábios, tentando não chorar. Os grandes e eloquentes olhos negros,

muito abertos e assustadiços, deslizavam entre o sabre ensanguentado, ao lado dele, e o rasto de sangue que lhe escorria da frente e já começava a secar.

Ele percebeu e passou a manga do dólman sobre o rosto, sentindo o ferimento queimar.

– Meu tenente, está bem? – perguntou o cavaleiro que se aproximava aflito e veloz, a mesma casaca azul, os cabelos mais longos do que o habitual, duas tranças pendendo em frente às orelhas, os bigodes compridos.

Ocupado que estava a prestar atenção às reacções da menina, o tenente não pôde ver o olhar de franca admiração que o recém-chegado, mais velho, agora lhe endereçava. Pelos sinais de luta que tinha notado, ao passar pelos corpos caídos, o rapazola punhos-de-renda, como seus homens lhe chamavam às escondidas, desde que assumira o posto junto a eles, tinha mostrado o seu valor: ter sangue-frio a ponto de acertar um tiro bem no meio dos cornos de um dragão em plena carga, a poucos metros de distância, não era para qualquer um.

A menina viu que outro e mais outro, semelhantes ao anterior, tanto na roupa, quanto no modo como traziam os cabelos e bigodes, se aproximavam logo atrás.

Todos os recém-chegados traziam a roupa suja de sangue.

O oficial, o mais jovem de todos, sem barba e sem bigodes, levantou-se segurando a menina pelo pulso e fazendo com que ela se levantasse também. A criança encolheu-se, trémula e assustada, instintivamente procurando protecção junto do jovem.

Sentia que com ele estaria bem. Ela tinha visto calor e bondade naqueles olhos.

– O Papin, Jean-Marie? – perguntou ele ao primeiro recém-chegado, examinando o grupo.

O que se chamava Jean-Marie, e que era cabo, baixou os olhos por brevíssimos segundos, enquanto o oficial reparava que um dos praças puxava as rédeas de um cavalo que trazia um corpo atravessado em cima.

O cabo Jean-Marie tinha uns olhos verdes muito claros e avermelhados, como se tivesse passado horas a beber. Cravou-os no jovem oficial.

– Aquilo não era patrulha, senhor. Era um bando de desgarrados, que andava por aí a pilhar e fazer desgraças. – Lançou um olhar preocupado

à volta. – Mas isso não significa que estejam sozinhos. Eles vêm sempre em bandos. Bandos de malfeitores. – Esticou o olhar em direção à criança, que procurava esconder-se atrás do tenente. – E essa, agora?... – resmungou, coçando o queixo.

O tenente assentiu com um gesto de cabeça. Virou-se para a menina que se agarrara ao cinto onde ele pendurava o sabre. Segurou-lhe as mãos que o agarravam com força e agachou-se junto a ela outra vez.

– Não a vamos deixar aqui sozinha. – Parou e perscrutou-a com os olhos argutos. – Preciso que ela nos ajude para podermos ajudá-la também. – Observou-a por mais alguns segundos. Ficaria com uma bela mancha arroxeadada por uns quinze dias, a marcar-lhe as feições delicadas. De repente deu por si a desejar que fosse esse o único problema que ela tivesse de enfrentar no resto da vida.

– Compreendes o que eu digo?

– Sim... meu... tenente – respondeu tímida, num fio de voz, e ele segurou-se para não rir. Era uma criança esperta e atenta. Percebeu como os homens se dirigiam a ele e repetiu.

Os homens não foram tão discretos. Riram abertamente, achando-lhe muita graça.

Ele sorriu à menina e deu-lhe palmadinhas leves no ombro. Além de esperta era corajosa – a decisão que tomou, quando cravou a adaga na coxa do prussiano, devolveu-lhes a *chance* de sobrevivência.



O tenente hussardo já começava a sentir as mazelas da luta pelo corpo. Passados os momentos da agitação e excitação do embate, a temperatura começou a baixar e as dores começaram a massacrá-lo: o tiro que levava no ombro, o corte na sobrancelha esquerda, um incômodo crescente junto aos rins, por causa da queda do cavalo. Pelo menos já não sangrava.

Quando pediu ao cabo Jean-Marie que levantasse a menina do chão para a acomodar na sela da sua montada, ela abriu as pernas para montar o animal à maneira masculina, como viera a cavalgar a égua branca, mas ele não permitiu.

–Não. Senta-te como as senhoras se devem sentar.

A menina torceu o nariz e Jean-Marie esforçou-se por não rir.

Agora ela seguia no cavalo com ele, à sua frente, sentada de lado e recostada no seu peito. O corpo delicado da criança ia envolto na sua peliça.

A dado momento, o cabo Jean-Marie adivinhou no tenente o incómodo das dores e estendeu-lhe um cantilzinho de metal, que fez surgir das dobras do seu uniforme.

O tenente sorveu um grande gole e rosnou por entre os dentes cerrados:

– Mas que mijo de cavalo é esse que vocês bebem, Jean-Marie?

A gargalhada foi geral. E pela primeira vez, em meses, o segundo-tenente hussardo sentiu-se verdadeiramente acolhido pelos seus homens.

A família da menina era numerosa e fora por isso que ficara, em vez de partir como as demais famílias da região. Os que fugiam levavam o que podiam carregar, e deixavam para trás tudo desfeito e sem condições de ser aproveitado pelos invasores... ou muito bem escondido.

Mas aquela família era grande: pai, mãe, quatro filhos pequenos entre os treze e sete anos, que era a idade da menina, e mais um a caminho.

Pensando na segurança da filha e dos poucos bens materiais que possuíam, o pai disse-lhe que cavalgasse em direcção ao bosque, onde ficaria escondida num redil muito difícil de ser encontrado.

– Com o cair da tarde seguiríamos até lá e ficaríamos refugiados, até tudo passar – dissera-lhes o pai.

O tenente moveu-se, irritado com as dores e pela temeridade do homem que acabara de expor a filha de sete anos a um perigo tamanho.

– E se não passar, o que pretende fazer com esta gente toda? – perguntou-lhe fazendo um gesto a abarcar a senhora grávida e a numerosa prole.

O homem ofendeu-se, aprumou-se e endureceu o olhar.

– Eu tenho a certeza de que vai – disse com firmeza. Estudou o jovem oficial por um momento. – Se fizerem a coisa de maneira concertada, o nevoeiro vai ser-lhes muito útil e num instante vocês liquidam essa escumalha toda que vem aí.

O tenente suspirou desanimado. O homem era maluco. Não dizia coisa com coisa. Apertou levemente o supercílio latejante com a palma da mão esquerda.

– Que nevoeiro? – perguntou.

O homem não se fez rogado.

– Choveu durante dias, e deve chover mais esta noite. A terra está encharcada, mas o Sol vai brilhar amanhã... vai haver nevoeiro – disse como se revelasse uma profecia. – E quando há nevoeiro por estes lados, ficamos horas sem ver um palmo diante do nariz. – Cerrou os olhos. – É a oportunidade de que todos nós precisávamos... esperem e verão.

O tenente considerou-o por uns instantes. O homem poderia estar certo. Os dois exércitos estavam em manobras há dias e dava a impressão que evitavam um confronto directo, sobretudo os da Coligação. Os franceses estavam aquartelados em Sainte Menéhould e ninguém passava para além de Les Illetes... portanto, poderia fazer muito sentido usar a topografia do local, mais a vantagem do nevoeiro para dar aos prussianos, austríacos e *emigrés* um belo pontapé no traseiro.

O jovem oficial pareceu ter uma súbita revelação. Bateu com a mão na perna.

– Agradeço muito...

– Boissinot.

– Agradeço muito, Boissinot – repetiu. – Mas agora, quero que arrumem tudo o que puderem carregar. Quero deixar o senhor e sua família seguros, longe das linhas de Sainte Menéhould.

O homem olhou à volta, de repente consciente de uma situação.

– Não temos montada. Dizem-nos que o prussiano matou a *Violette*... e só temos agora a *Lavandine*, que não vai aguentar a nossa carroça sozinha.

– Trouxemos as montadas dos prussianos connosco – informou o tenente. – Podem servir-se delas, mas depressa, que não temos muito tempo e quero que sigam viagem ainda hoje, antes do escurecer.

– E já não falta muito para escurecer – completou Jean-Marie, ao mesmo tempo que estendia para Boissinot as sacolas de couro com os valores que seguiam de posse da menina e a adaga que tirara da mão do prussiano.

– Antes de tudo isso, quero ver os seus ferimentos – atalhou a mulher, que até então estava a um canto, observando e sem dizer nada.

– Não temos tempo, *madame* – disse o oficial, sem se importar de usar uma palavra abolida pelo regime actual, onde todos, agora, eram «cidadãos» e «cidadãs».

A senhora, de rosto bonito e de cabelos e olhos muito parecidos com os da filha, olhou-o com uma expressão que não admitia réplicas.

– Sente-se por favor, *monsieur lieutenant*. – Devolveu-lhe a cortesia e indicou uma cadeira.

Ela tratou o ombro que tinha recebido o tiro que, por sorte, só lhe varou as carnes, deixando um corte profundo e difícil de coser, limpou o sangue seco e a fuligem e pôs no local uma ligadura com unguento de ervas e, para consternação do jovem, começou a coser-lhe a sobrance-lha; tarefa que não se mostrou nada fácil, pois ela estava muito nervosa, tinha as mãos trémulas e inseguras.

– *Pardon, monsieur...* – desculpou-se, quase a chorar. – Fiz isto a vida toda, mas hoje... – Tinha os lábios trémulos e os olhos a ponto de transbordarem.

O tenente segurou-lhe o pulso com delicadeza – aquela mulher já tinha passado por muito, ao ver a filha ser caçada como um animal. Falou-lhe como se falasse com a sua própria mãe:

– *Madame...* não vou a lado nenhum. Faça o que for preciso.

E ela fez. Fez três pontos muito mal feitos no sobrolho do jovem, que usou de todas as forças que tinha para manter a dignidade e não urrar de dor.

Os seus homens, com a expressão lívida, observavam o oficial a suportar a dor de ser cosido daquela maneira, sem sequer tomar um gole da aguardente que lhe ofereceram. Ele gemeu, rilhou os dentes, bateu fortemente com o pé no chão, mas deixou que ela terminasse o trabalho. A menina esteve o tempo todo ao lado dele, a segurar, silenciosa, uma das mangas do seu dólman, os olhos muito abertos e atentos pousados no seu rosto.

– Daqui a uma semana estará completamente cicatrizado. Então, peça a alguém que lhe tire esses pontos – instruiu a senhora Boissinot, já mais calma e estendendo-lhe uma caneca com uma mistela esquisita, dizendo para tomar, que era para as dores. – Peço desculpa por não ter conseguido fazer melhor.

E a família preparou-se para partir. Seguiram o mais rapidamente que puderam, escoltados pelos hussardos. Boissinot informara-os, durante o percurso, de que se sentia inseguro por morar naquela região fronteiriça. Havia vendido as terras e era seu plano seguir com a família até à Normandia, onde pretendia estabelecer-se. Os valores que a filha carregava, quando foi perseguida pelos dragões, eram para serem enterrados num local seguro, junto ao tal redil escondido no bosque, até que as coisas ficassem tranquilas outra vez, e eles pudessem partir. Esse era o plano inicial.

Quando chegaram ao acampamento em Sainte Menéould, a tarde começava a declinar. O tenente deu ordens para que três praças os escoltassem até à aldeia mais próxima e os deixassem em local seguro. Não sem antes fazerem Boissinot falar com o general Kellerman e contar-lhe tudo o que sabia.

Ele e os seus homens despediram-se da família. Porém, antes que Boissinot incitasse os cavalos para seguirem viagem, o tenente aproximou-se da criança que lhe salvara a vida. Tirou do pescoço uma corrente de prata de onde pendia uma pesada medalha de San Michel.

– É o protector da minha família, e meu – disse, colocando-a no pescoço da menina. – Agora, vou pedir a San Michel que te proteja também.

A menina segurou a medalha, encantada com a linda peça que via. Era um anjo com uma espada na mão. Um anjo guerreiro.

– Obrigada – disse, timidamente.

– Sou eu quem diz «obrigado» – respondeu o oficial com um leve sorriso.

Instantes depois, a carroça seguia viagem, escoltada pelos soldados.

A menina olhou para trás, e ele estava parado, no meio do caminho, a acompanhar a partida. Nas costas dele, o Sol punha-se por entre nuvens branco-arroxeadas, carregadas da chuva que aí vinha, e formavam um cenário irreal, à mistura com as barracas e o movimento do acampamento que o rodeavam. A sua figura alta e bem constituída ficava ainda mais bonita com o dólman azul, debruado a dourado. Mesmo empoeirado e sujo de sangue, não deixava de ser uma peça que causava admiração às pessoas não acostumadas a esses trajes militares. Tinha-o aberto, a mostrar a camisa branca, de cujas dobras tirara a medalha do Arcanjo São Miguel. As calças brancas de montar também estavam sujas por

causa da movimentação do dia; as botas pretas, de couro, tinham palas que cobriam os joelhos.

A menina levantou a mãozinha e acenou timidamente na sua direção, lembrando-se dos calorosos olhos cinzentos que ele possuía. Olhos que ela nunca tinha visto em alguém.

A custo, voltou-se para a frente. Deu-lhe vontade de ficar mais tempo a fitar aquela figura quase irreal, que se ia sumindo na distância. Obrigou-se a olhar para a frente, encarando o caminho novo e uma vida que ainda estavam por conhecer.

Os dedinhos apertavam o anjo com força, de encontro ao coração.